

Cessára o aguaceiro. O firmamento esplendia de constelações lavadas e límpidas.

Iniciara-se já o tráfego das carroças barulhentas, gritos pouco amaveis dos seus condutores, porque na Roma imperial as horas do dia eram reservadas, de modo absoluto, ao tráfego dos palanquins patricios e ao movimento dos pedestres.

Flaminio despediu-se comovidamente do amigo, retomando a liteira suntuosa, com o auxilio dos seus escravos decididos e herculeos.

Publio Lentulus tão logo se viu só, encaminhou-se ao terraço onde corriam céleres as brisas da noite alta.

A claridade do luar opulento, contemplou o casario romano espalhado pelas colinas sagradas da cidade gloriosa. Espraiou os olhos na paisagem noturna, considerando os problemas profundos da vida e da alma, deixando pender a fronte, entristecido. Incoercivel tristeza dominava-lhe o coração voluntarioso e sensível, enquanto uma onda de amor proprio e de orgulho lhe sopitava as lágrimas íntimas, do coração atormentado por angustiosos e doloridos pensamentos.

II

UM ESCRAVO

Desde os primeiros tempos do Imperio, a mulher romana havia-se entregado á dissipação e ao luxo excessivo, em detrimento das obrigações santificadoras do lar e da familia.

A facilidade na aquisição de escravos empregados nos serviços mais grosseiros como nos mais elevados mistérios de ordem domestica, inclusive os da propria educação e instrução, havia determinado grande queda moral no equilibrio das familias patriciais, porquanto, a disseminação dos artigos de luxo vindos do Oriente, aliada á ociosidade, amolecera as fibras de energia e de tra-
ba-

lho das matronas romanas, encaminhando-as para as frivolidades da indumenta, para as intrigas amorosas, a preludiar a mais completa desorganização da familia no esquecimento de suas tradições mais apreciaveis.

Contudo, algumas casas haviam resistido heroicamente a essa invasão de fôrças perversoras e criminosas.

Mulheres havia, no tempo, que se orgulhavam do padrão das antigas virtudes familiares, de quantas as haviam antecedido no labor construtivo das gerações de tantas almas sensiveis e nobres.

As espôsas de Publio e Flaminio eram desse número. Criaturas inteligentes e valorosas, ambas fugiam da onda corrotora da época, representando dois simbolos de bom-senso e simplicidade.

As últimas expressões do inverno já haviam desaparecido, no ano de 32, entorno pela terra, quente e alegre, uma taça imensa de perfumes e de flores.

Num dia claro e ensolarado, vamos encontrar Lívia e Calpurnia, na residencia da primeira, em amavel palestra, enquanto dois rapazelhos desenham, distraídamente, a um canto da sala.

As duas senhoras organizam aprestos de viagem, corrigindo defeitos de algumas peças de lã e trocando impressões íntimas, á meia voz, em tom amigo e discreto.

Em dado momento, os dois meninos alcançam um dos quartos contiguos, enquanto Lívia chama a atenção da amiga, nestes termos:

— Os teus pequenos não têm hoje os exercícios habituais?

— Não, minha boa Lívia, — respondeu Calpurnia com delicadeza fraternal, adivinhandoo-lhe as intenções — não só Plinio, mas tambem Agripa consagraram o dia de hoje á doentinha. Adivinho as tuas vacilações e escrúpulos maternos, considerando a boa saúde dos nossos filhinhos; mas, os teus receios são infundados...

— Sabem os deuses, todavia, como tenho vivido nestes ultimos tempos, desde que ouví a opinião franca e sincera do médico de Tibur. Bem sabes que para êle o caso de minha filha é mal doloroso e sem cura. Desde então, toda a minha vida tem sido uma série de

preocupações e pesadelos. Tomei todas as providencias para que a pequena fôsse isolada do círculo de nossas relações, atendendo aos imperativos da higiene e á necessidade de circunscrevermos, com o nosso proprio esforço, a molestia terrivel.

— Mas, quem te diz que o mal é incuravel? Acaso semelhante opinião proveiu da palavra infalivel dos deuses? Não sabes quanto é enganosa a ciencia dos homens?

Ha tempos, ambos os meus filhinhos adoeceram com febre insidiosa e destruidora. Chamados os médicos, obsevei que êles se revesavam no mistér de salvar os dois enfermos, sem resultados apreciaveis. Depois, refleti melhor na providencia dos céus e, imediatamente, ofereci um sacrificio no templo de Castor e Polux, salvando-os de morte certa. Graças á essa providencia, hoje os vejo sorridentes e felizes.

Agora que não tens somente a pequena Flavia, mas tambem o pequenino Marcus, aconselho-te fazeres o mesmo, recorrendo aos deuses gêmeos.

— E' verdade, minha boa Calpurnia, assim farei antes de nossa partida próxima.

— E por falar na viagem, como te sentes em face desta mudança imprevista?

— Bem sabes que tudo farei pela tranquilidade de Publio e pela nossa paz doméstica. Ha muito tempo noto Publius abatido e doente, em razão de suas lutas exaustivas ao serviço do Estado. Jovial e expansivo, de tempos a esta parte tornou-se taciturno e irritadiço. Enerva-se com tudo e por tudo, acreditando eu que a saúde precaria de nossa filhinha contribúa decisivamente para a sua misantropia e mau humor.

Considerando essas razões disponho-me, com satisfação, acompanha-lo á Asia Menor, pesando-me apenas no íntimo a circunstancia de ser obrigada, ainda que temporariamente, a afastar-me da tua intimidade e dos teus conselhos.

— Folgo de assim te ouvir, porque a nós nos compete examinar a situação daqueles que o nosso coração

elegeu para companheiros de toda a vida, tudo enviando por suavisar-lhes os aborrecimentos do mundo.

Publio é um bom coração, generoso e idealista, mas, como patrício descendente de familia das mais ilustres da República, é vaidoso em demasia. Homens dessa natureza requerem grande senso psicológico da mulher, sendo justo e necessário que aparentes igualdade absoluta de sentimentos, de modo a poderes conduzí-lo sempre pelo melhor caminho.

Flaminio deu-me a conhecer todas as circunstancias da tua permanencia na Judéia, mas alguns detalhes existem que eu ainda desconheço. Ficarás, de fato, em Jerusalém?

— Sim. Publio deseja que nos fixemos na mesma residencia do seu tio Salvio, em Jerusalém, até que possamos eleger o melhor clima do país, de maneira a beneficiar a saúde de nossa filhinha.

— Está bem — exclamou Calpurnia assumindo ares da maior discreção — em face da tua inexperiencia, sou obrigada a esclarecer o teu espirito, considerando a possibilidade de quaisquer complicações futuras.

Lívia surpreendeu-se com a observação da amiga, mas, toda ouvidos, revidou impressionada:

— Mas, que queres dizer?

— Sei que não tens um conhecimento mais acurado dos parentes de teu marido, que ha tanto tempo se conservam ausentes de Roma — murmurou Calpurnia com as minudencias caracteristicas do espirito feminino — e constitue um dever de amizade aclarar o teu espirito, afim-de não te conduzires com demasiada confiança por onde passares.

O pretor Salvio Lentulus, que ha muitos anos foi destituído do governo das provincias e agora tem simples atribuições de funcionario junto do atual Proconsul da Judéia, não é bem um homem identico a teu marido, que, se tem certos defeitos de familia, é um espirito muito franco e muito sincero. Eras muito joven quando se verificaram acontecimentos deploraveis em nosso ambiente social, com referencia ás criaturas

com quem agora vais conviver. A espôsa de Salvio, que ainda deve ser uma mulher moça e bem cuidada, é irmã de Claudia, mulher de Pilatos, a quem teu marido vai recomendado, em caminho da alta administração da província.

Em Jerusalém vais encontrar toda essa gente, de costumes bem diferentes dos nossos, e precisas pensar que vais conviver com criaturas dissimuladas e perigosas.

Não temos o direito de reprovar os atos de ninguém, a não ser em presença daqueles que consideramos culpados ou passíveis de recriminações, mas devo prevenir-te que o Imperador foi compelido a designar essa gente para serviços no exterior, considerando graves assuntos de família, na intimidade da Corte.

Que os deuses me perdoem as observações da ausência, mas é que, na tua condição de romana e mulher de um senador ainda jovem, serás homenageada pelos nossos conterraneos distantes, homenagens que receberás em sociedade, como ramalhetes de rosas cheios de perfume, mas também cheios de espinhos...

Lívia ouviu a amiga, entre espantada e pensativa, exclamando em voz discreta, como quem quisesse desfazer uma dúvida:

— Mas, o pretor Salvio não é um homem já idoso?

— Estás enganada. É um pouco mais moço que Flaminio, mas os seus apuros de cavalheiro fazem da sua personalidade um tipo de soberba aparição.

— Como poderei levar a bom termo os meus deveres, no caso de me cercarem as perfidias sociais, tão comuns em nosso tempo, sem agravar o estado espiritual de meu esposo?

— Confiemos na providência dos deuses — murmurou Calpurnia, deixando transparecer a fé magnifica do seu coração maternal.

Mas, as duas não conseguiram prosseguir na conversação. Um ruido mais forte denunciava a aproximação de Publio e Flaminio, que atravessavam o vestíbulo, procurando-as.

— Então? — exclamou Flaminio bem humorado, assomando à porta, com um sorriso malicioso. Entre a costura e a palestra, deve sofrer a reputação de alguém, nesta sala, porque já dizia meu pai que uma mulher sozinha pensa sempre na família; mas, se está com outra, pensa logo nos... outros.

Um riso sadio e geral coroou as suas palavras alegres, enquanto Publio exclamava contente:

— Estejamos sossegados, minha Lívia, porque tudo está pronto e a nosso inteiro contento. O Imperador prontificou-se a auxiliar-nos generosamente com as suas ordens dirétas, e, daqui a três dias, uma galera nos esperará nas cercanias de Ostia, de modo a viajarmos tranquilmente.

Lívia sorriu satisfeita e confortada, enquanto do apartamento da pequena Flavia assomavam duas cabeças risonhas, preparando-se Flaminio para receber nos braços, de uma só vez, os dois filhinhos:

— Venham cá, ilustres marotos! Porque fugiram ontem das aulas? Hoje recebi queixa do ginásio, nesse sentido, e estou muito contrariado com esse procedimento...

Plínio e Agripa ouviram a reprimenda paterna, desapontados, respondendo o mais velho com humildade:

— Mas, papai, eu não sou culpado. Como o senhor sabe, o Plínio fugiu dos exercícios, obrigando-me a sair para procurá-lo.

— Isso é uma vergonha para você, Agripa — exclamou Flaminio, paternalmente — sua idade não permite mais a participação nas traquinadas de seu irmão.

Ia a cena, nessa altura, quando Calpurnia interveiu apaziguando:

— Tudo está muito certo, porém, temos de resolver o assunto em casa, porque a hora não comporta discussões entre pai e filhos.

Ambos os meninos foram beijar a mão materna, como se lhe agradecessem a intervenção carinhosa e, daí a minutos, despediam-se as duas famílias, com a promessa de Flaminio, no sentido de acompanhar os ami-

gos até Ostia, nas proximidades da foz do Tibre, no dia do embarque.

Decorridas aquelas setenta e duas horas de azáfama e preparativos, vamos encontrar nossos personagens numa galera confortável e elegante, nas águas de Ostia, onde ainda não existiam as construções do porto ali criado mais tarde por Claudio.

Plínio e Agrípa ajudavam a acomodar a pequena enferma no interior, instigados pelos pais, que os preparavam desde cedo para as delicadezas da vida social, enquanto Calpúrnia e Lívia instruiam uma serva, a respeito da instalação do pequenino Marcus. Publio e Fláminio trocavam impressões, à distância, ouvindo-se a recomendação do segundo, que elucidava o amigo confidencial:

— Sabes que os súditos conquistados ao Império muitas vezes nos olham com inveja e despeito, tornando-se preciso nunca desmerecermos da nossa posição de patrícios.

Algumas regiões da Palestina, segundo os meus próprios conhecimentos, estão infestadas de malfeiteiros e é necessário estejas precavido contra êles, principalmente na tua marcha em demanda de Jerusalém. Leva contigo, tão logo aportes com a família, o maior número de escravos para a tua garantia e dos teus, e, na hipótese de um ataque, não hesites em castigar com severidade e aspereza.

Publio recebeu a exortação, atenciosamente, e, daí a minutos, movimentavam-se ambos no interior da nave, onde o viajante interpelava o chefe dos serviços:

— Então, Aulus, tudo está pronto?

— Sim, Ilustríssimo. Apenas aguardamos as vossas ordens para a partida. Quanto aos nossos trabalhos, podeis ficar tranquilo, porque escolhi a dedo os melhores cartagineses para o serviço dos remos.

Com efeito, começaram ali as últimas despedidas. As duas senhoras abraçavam-se com lágrimas enternecedoras e afetuosa, enquanto se expressavam promessas

de perene lembrança e votos aos deuses pela tranquilidade geral.

Derradeiros abraços comovidos e largava a galera sumtuosa, onde a bandeira da águia romana tremulava orgulhosa, ao sôpro suave das virações marinhas. Os ventos e os deuses eram favoráveis, porque, em breve, ao esforço hercúleo dos escravos no ritmo dos remos poderosos, os viajantes contemplavam de longe a fita esverdeada da costa italiana, como se avançassem da massa líquida para as vastidões insondáveis do Infinito.

Transcorria a viagem com o máximo de serenidade e de calma.

Publio Lentulus, não obstante a beleza da paisagem na travessia do Mediterrâneo e a novidade dos aspectos exteriores, considerada a monotonia dos seus afazeres na vida romana, junto dos numerosos processos do Estado, trazia o coração cheio de sombras.

Debalde a esposa procurou aproximar-se do seu espírito irritado, buscando tanger os assuntos delicados de família, com o fim de conhecer e suavisar os íntimos dissabores. Experimentava a impressão de que caminhava para emoções decisivas no desenrolar de sua existência. Conhecia uma parte da Ásia Menor, porque, na primeira mocidade havia servido, por um ano, na administração de Esmirna, de modo a integrar-se, da melhor maneira no mecanismo dos trabalhos do Estado, mas não conhecia Jerusalém, onde o esperavam como legado do Imperador, em face da solução de vários problemas administrativos de que fôra incumbido junto ao governo da Palestina.

Como encontraria o tio Salvio, mais moço que seu pai? Ha muitos anos não o via pessoalmente; entretanto, ele era pouco mais velho do que êle próprio. E aquela Fulvia, leviana e caprichosa, que desposara no torvelinho dos seus numerosos escândalos sociais, tornando-se quasi uma criatura indesejável no seio da família? Recordava os mais íntimos pormenores do passado, abstendo-se, todavia, de comunicar á mulher as suas penosas expectativas. Refletindo, igualmente, na situação da esposa e dos dois filhinhos, encarava com

ansiedade os primeiros obstaculos á sua permanencia na Judéia, na qualidade de patricios, mas tambem como estrangeiros, considerando que as amizades que os aguardavam eram incertas e problemáticas.

Entre as suas cismas e as preces da espôsa, estava a terminar a travessia do Mediterraneo, quando chamou a atençao do seu servo de confiança, nestes termos:

— Coménio, dentro em pouco estaremos ás portas de Jerusalém; mas antes que isso se verifique, temos de realizar uma pequena marcha, depois do ponto de desembarque, reclamando-se muito cuidado de minha parte, com relação ao transporte da familia. Esperam-se alguns representantes da administração da Judéia, certamente acompanhados dos teus cuidados, pois vamos aportar a uma região para mim desconhecida e estrangeira. Reúne todos os servos sob as tuas ordens, de modo a garantirmos absoluta segurança pelo caminho.

— Senhor, contai com o nosso desvelo e dedicação — respondeu o servidor, entre respeitoso e comovido.

No dia imediato, Publio Lentulus e comitiva desembarcavam num pequeno porto da Palestina, sem incidentes dignos de menção.

Esperavam-no, além do legado do Proconsul, alguns lítores e numerosos soldados pretorianos, comandados por Sulpicio Tarquinius, munido de todos os aprestos e elementos exigidos para uma viagem tranquila e confortavel, pelas estradas de Jerusalém.

Após o necessário repouso, a caravana pôs-se a caminho, parecendo antes uma expedição militar que o transporte de uma simples familia através das estações periodicas de descanso.

As armaduras dos cavalos, os capacetes romanos reluzindo ao sol, os trajes bizarros, palanquins enfeitados, animais de tração e os carros pesados da bagagem, davam idéia de uma expedição de triunfo, embora atarefada e silenciosa.

Ja a caravana a bom termo, quando, nas proximidades de Jerusalém, ocorre um imprevisto. Um corpó sibilante cortou o ar fino e claro, alojando-se no pa-

lanquim do senador, ouvindo-se ao mesmo tempo um grito estridente e lamentoso. Minuscula pedra ferira levemente o rosto de Lívia, determinando grande alarme na massa enorme de servos e cavaleiros. Entre os carros e os animais que param assustados, numerosos escravos rodeiam os senhores, buscando, com precipitação, inteirar-se do acontecido. Sulpicio Tarquinius num golpe de vista dá largas ao galope da montada, buscando prender um joven que se afastava, receoso, das margens do caminho. E, culpado ou não, foi um rapaz dos seus dezoito anos apresentado aos viajantes, para a punição necessaria.

Publio Lentulus recordou a recomendação de Flaminio, momentos antes da partida e, sopitando os seus melhores sentimentos de tolerancia e generosidade, resolveu prestigiar a sua posição e autoridade aos olhos de quantos houvessem de lhe seguir a permanencia naquele país estrangeiro.

Ordenou providencias imediatas aos lítores que o acompanhavam, e ali mesmo, ante as claridades mordentes do sol a pino e sob o olhar espantado de algumas dezenas de escravos e centuriões numerosos, determinou que vergastassem sem comiseração o rapaz pela sua leviandade.

A cena era desagradavel e dolorosa.

Todos os servos acompanhavam, compungidos, o estalar do chicote no dorso semi-nú daquele homem ainda moço, que gemia, em soluços dolorosos, sob o látigo despótico e cruel. Ninguem ousou contrariar as ordens impiedosas, até que Lívia não conseguindo contemplar por mais tempo a rudeza do espetáculo, pediu ao espôso, em voz súplice:

— Basta, Publio, porque os direitos da nossa condição não traduzem deveres de impiedade...

O senador considerou, então, a sua severidade excessiva e rigorosa, ordenando a suspensão do castigo doloroso, mas, a uma pergunta de Sulpicio, quanto ao novo destino do infeliz, falou em tom rude e irritado:

— Para as galéras!...

Os presentes estremeceram, porque as galéras significavam a morte ou a escravidão para sempre.

O desventurado amparava-se exánime, nas mãos dos centuriões que o rodeavam, porém, ao ouvir as três palavras da sentença condenatória, deitou ao seu orgulhoso juiz um olhar de odio supremo e de supremo desprezo. No ámago de sua alma coriscavam relâmpagos de vingança e de cólera, mas a caravana pôs-se novamente a caminho, entre o ruido dos carros pesados e o tilintar das armaduras, ao movimento dos cavalos fogosos e irquietos.

A chegada a Jerusalém ocorreu sem outros fatos dignos de nota.

A novidade dos aspéctos e a diversidade das eriaaturas é que impressionaram os viajantes no seu primeiro contacto com a cidade, cuja fisionomia, com raras mudanças, no decurso de todos os séculos, foi sempre a mesma, triste e desolada, preludiando as paisagens ressequidas do deserto.

Pilatos e sua mulher encontravam-se nas solenidades de recepção ao senador que ia, como legado de Tiberio, junto da administração da província, encarnando o princípio da lei e da autoridade.

Salvio Lentulus e a espôsa, Fulvia Prócula, receberam os parentes com aparato e prodigalidade. Homenagens numerosas foram prestadas a Publio Lentulus e sua mulher, salientando-se que Lívia, fôsse em razão das advertencias de Calpurnia ou em vista de sua acuidade psicológica, reconheceu logo que naquele ambiente não palpitavam os corações generosos e sinceros dos seus amigos de Roma, experimentando, no íntimo, dolorosa sensação de amargura e ansiedade. Verificara, com satisfação, que a sua pequena Flavia havia melhorado, não obstante a viagem exhaustiva, mas, ao mesmo tempo, torturava-se percebendo que Fulvia não possuia amplitude de coração para acolhê-los sempre com carinho e bondade. Notara que, em lhe apresentando a filhinha enférma, a patricia vaidosa fizera um movimento instintivo de recuo, afastando sua pequena Aurélia, filha única do casal, do contacto com a família e apresentando pre-

textos inaceitaveis. Bastou um dia de permanencia naquele lar estranho, para que a pobre senhora comprehendesse a extensão das angústias que a esperavam ali, calculando os sacrifícios que a situação exigiria do seu coração sensivel e carinhoso.

E não era somente o quadro familiar, nos seus detalhes impressionantes, que lhe torturava a mente trabalhada de expectativas pungentes e angustiosas. Deparando-se-lhe Poncio Pilatos, no proprio momento de sua chegada, sentira, no íntimo, que havia encontrado um rebelde e poderoso inimigo.

Fôrças ignoradas do mundo intuitivo falavam ao seu coração de mulher, como se vozes do plano invisível lhe preparassem o espirito para as provas asperrimas dos dias poryindouros. Sim, porque a mulher, símbolo do santuario do lar e da familia, na sua espiritualidade pode, muitas vezes, numa simples reflexão, devassar misterios insondáveis dos caracteres e das almas, na teia espessa e sombria das reencarnações sucessivas e dolorosas.

Publio Lentulus, ao contrário, não experimentou as mesmas emoções da companheira. A diversidade do ambiente modificara-lhe um tanto as disposições íntimas, sentindo-se moralmente confortado em face da tarefa que lhe competia desempenhar no cenário novo de suas atividades de homem de Estado.

No segundo dia de permanencia na cidade, tão logo regressara da primeira visita ás instalações da Torre Antonia, onde se aquartelavam contingentes das fôrças romanas, observando os movimentos dos casuistas e dos doutores, no templo famoso de Jerusalém, foi procurado por um homem humilde e relativamente moço, que apresentava como credencial, tão somente, o coração aflito e carinhoso de pai.

Obedecendo mais aos imperativos de ordem política que ao sentimento de generosidade do coração, o senador quebrou as etiquetas do momento, recebendo-o no seu gabinete privado, disposto a ouví-lo.

Um judeu, pouco mais velho que êle proprio, em atitude de respeitosa humildade e expressando-se difi-

cilmente, de modo a fazer-se compreendido, falou-lhe nestes termos:

— Ilustríssimo senador, sou André, filho de Gioras, operário modesto e paupérrimo, não obstante numerosos membros de minha família terem atribuições importantes no Templo e no exercício da Lei. Ouso vir até vós reclamando o meu filho Saúl, preso há três dias, por vossa ordem e remetido diretamente para o cativeiro perpétuo das galéras... Peço-vos clemência e caridade na reparação dessa sentença de terríveis efeitos para a estabilidade da minha casa pobre... Saúl é o meu primogênito e nele deponho toda a minha esperança paternal... Reconhecendo-lhe a inexperiência da vida, não venho inocentá-lo da culpa, mas apelar para a vossa clemência e magnanimidade, em face da sua ignorância de rapaz, jurando-vos, pela Lei, encaminhá-lo doravante pela estrada do dever austeramente cumprido...

Publio recordou a necessidade de fazer sentir a autoridade da sua posição, revidando com o orgulho característico das suas resoluções:

— Como ousa discutir as minhas determinações, quando guardo a consciência de haver praticado a justiça? Não posso modificar as minhas deliberações, estranhando que um judeu ponha em dúvida a ordem e a palavra de um senador do Império, formulando reclamações desta natureza.

— Mas, senhor, eu sou pai...

— Se o és, por que fizeste de teu filho um vagabundo e um inútil?

— Não posso compreender os motivos que levaram meu pobre Saúl a comprometer-se dessa maneira, mas juro-vos que ele é o braço-forte dos meus trabalhos de cada dia.

— Não me cabe examinar as razões do teu sentimento, porque a minha palavra está dada irrevogavelmente.

André de Gioras mirou Publio Lentulus de alto a baixo, ferido na sua emotividade de pai e no seu sentimento de homem, esfusando de dor e de cólera reprimida.

mida. Seus olhos húmidos traíam íntima angústia em face daquela recusa formal e inapelável, mas, desprezando todos os convencionalismos humanos, falou com orgulhosa firmeza:

— Senador, eu desci da minha dignidade para implorar a vossa compaixão, mas aceito a vossa recusa ignominiosa!...

Acabais de comprar, com a avareza do coração, um inimigo eterno e implacável!... Com os vossos poderes e prerrogativas, podeis eliminar-me para sempre, seja reduzindo-me ao cativeiro ou condenando-me a perecer de morte infame; mas eu prefiro afrontar a vossa soberba orgulhosa!... Plantastes, agora, uma árvore de espinhos cujo fruto, um dia, amargará sem remedio o vosso coração duro e insensível, porque a minha vingança pode tardar, mas como a vossa alma inflexível e fria, ela será também indefectível e tenebrosa!...

O judeu não esperou a resposta do seu interlocutor amargamente emocionado com a veemência daquelas palavras, saíndo do recinto a passo firme e de rosto erguido, como se houvesse obtido os melhores resultados da sua curta e decisiva entrevista.

Num misto de orgulho e ansiedade, Publio Lentulus experimentou, naquele instante, as mais variadas gamas de sentimento a dominar-lhe o coração. Desejou determinar a prisão imediata daquele homem que lhe atirara em rosto as mais duras verdades, experimentando, simultaneamente, o desejo de chamá-lo a si, prometendo-lhe o regresso do filho querido, a quem protegeria com o seu prestígio de homem de Estado; mas a voz sumiu-se-lhe na garganta, naquele complexo de emoções que de novo lhe roubara a paz e a serenidade. Dolorosa opressão paralisou-lhe as cordas vocais, enquanto no coração angustiado repercutiam as palavras candentes e amarguradas.

Uma série de reflexões penosas enfileirou-se no seu mundo íntimo, assinalando os mais fortes conflitos de sentimentos. Também ele não era pai e não procurava reter os filhinhos perto do coração? Aquele homem pos-

suia as mais fortes razões para considerá-lo um espirito injusto e perverso.

Recordou o sonho inexplicavel que, relatado a Flaminio, fôra a causa indiréta da sua vinda para a Judéia e considerou as lágrimas de compunção que derramara, em contacto com o turbilhão de lembranças perniciosas da sua existencia passada, em face de tantos crimes e desvios.

Retirou-se do gabinete com a solução mental da questão em fóco, determinando que trouxessem o jóven Saúl á sua presença, com a urgencia que o caso requeria, afim-de recambiá-lo á casa paterna e modificando, dessa forma, as penosas impressões que havia causado ao pobre André. Suas ordens foram expedidas sem delonga e, todavia, esperava-o desagradavel surpresa, com as informações dos funcionários a quem competia a realização de semelhantes serviços.

O jóven Saúl desaparecera do cárcere, fazendo crer numa fuga desesperada e imprevista. Os informes foram transmitidos á autoridade superior, sem que Publio Lenitulus viesse a saber que os maus servidores do Estado negociavam, muitas vezes, os prisioneiros jóvens com os ambiciosos mercadores de escravos, que operavam nos centros mais populosos da capital do mundo.

Informado de que o prisioneiro se evadira, o senador sentiu a conciencia aliviada das acusações que lhe pesavam no íntimo. Afinal, pensou, tratava-se de um caso de somenos importancia, porquanto o rapaz, distante do cárcere, procuraria imediatamente a casa paterna; e, consolidando a sua tranquilidade, expediu determinações aos dirigentes do serviço da ordem, recomendando se abstivessem de qualquer perseguição ao foragido, a quem se levaria, oportunamente, o indulto da lei.

O caminho de Saúl, todavia, fôra bem outro.

Em quasi todas as províncias romanas funcionavam célebres agrupamentos de malfeiteiros, que, vivendo á sombra da máquina do Estado, haviam-se transformado em mercadores de conciencias.

O moço judeu, na sua juventude promissora e sadia, fôra vítima dessas criaturas desalmadas. Vendido clan-

destinamente a poderosos escravocratas de Roma, em companhia de muitos outros, foi embarcado no antigo porto de Joppé, com destino á capital do Imperio.

Antecipando-nos na cronologia de nossas narrativas, vamos encontrá-lo, daí a meses, num grande tablado, perto do Fórum, onde se alinhavam, em penosa promiscuidade, homens, mulheres e crianças, quasi todos em miseras condições de nudez, tendo cada qual um pequeno cartaz pendurado ao pescoco. Olhos chispando sentimentos ultrizes, lá se encontrava Saúl, semi-nú, um barrete de lã branca a cobrir-lhe a cabeca e com os pés descalços levemente untados de gesso.

Junto daquela massa de criaturas desventuradas, passava um homem de ar ignobil e repulsivo, que exclamava em voz gritante para a multidão de curiosos que o rodeava:

— Cidadãos, tende a bondade de apreciar... Como sabeis, não tenho pressa em dispôr da mercadoria, porque não devo a ninguem, mas aqui estou para servir aos ilustres romanos!...

E, detendo-se no exame dêsse ou daquele infeliz, prosseguia na sua arenga grosseira e insultuosa:

— Vêde este mancebo!... E' um exemplar soberbo de saúde, frugalidade e docilidade. Obedece ao primeiro sinal. Atentai bem para o aprumo da sua carne firme. Doença alguma terá fôrça sóbre o seu organismo.

Examinai este homem! Sabe falar o grego corretamente e é bem feito da cabeça aos pés!...

Nesses pruridos de negocista, continuou a propaganda individual, em face da multidão de compradores que o assediava, até que tocou a vez do jóven Saúl, que deixava transparecer, no aspecto miserável, os seus ímpetos de cólera e sentimentos tigrinos:

— Atentai bem neste mancebo! Acaba de chegar da Judéia, como o mais belo exemplar de sobriedade e saúde, de obediência e de fôrça. E' uma das mais ricas amostras deste meu lote de hoje. Reparai na sua mocidade, ilustres romanos!... Dar-vos-lo-ei ao preço reduzido de cincos mil sestercios!...

O joven escravo contemplou o mercador com a alma esfervilhando odio e alimentando, intimamente, as mais ferozes promessas de vingança. Seu semblante judeu impressionou a multidão dos que estacionavam na praça, naquela manhã, porque um intenso movimento de curiosidade lhe cercou a figura interessante e originalissima.

Um homem destacou-se da multidão, procurando o mercador a quem se dirigiu, á meia voz, nestes termos:

— Flaccus, meu senhor necessita de um rapaz elegante e forte para as bigas dos filhos. Esse jóven me interessa. Não o darias ao preço de quatro mil sestercios?

— Vá lá, — murmurou o outro em tom de negócio — meu interesse é bem servir á ilustre clientela.

O comprador era Valerio Brutus, capataz dos serviços comuns da casa de Flaminio Severus, que o incumbira de adquirir um escravo novo e de boa aparência, destinado ao serviço das bigas dos filhos, nos grandes dias das festas romanas.

Foi assim que, imbuído de sentimentos ignóbeis e deploraveis, Saúl, o filho de André, foi introduzido, pelas forças do destino, junto de Plínio e de Agripa, na residencia da familia Severus, no coração de Roma, ao preço miseravel de quatro mil sestercios.

III

EM CASA DE PILATOS

A secura da natureza, onde se ergue Jerusalém, proporciona á cidade célebre uma beleza melancólica, tocada de angustiosa monotonia.

Ao tempo do Cristo, o seu aspécto era quasi o atual, como hoje se observa. Apenas a colina de Mizpa com as suas tradições suaves e lindas, representava um recanto verde e alegre, onde descansavam os olhos do forasteiro, longe da aridez e da ingratidão das paisagens.

Todavia, devemos registar que, na época da permanencia de Publio Lentulus e de sua familia, Jerusalém acusava novidades e esplendores de uma vida nova. As construções herodianas pululavam nos seus arredores, revelando um novo senso estético, por parte de Israél. A predileção pelos monolitos talhados na rocha viva, característica do antigo povo israelita, fôra substituida pelas adaptações do gôsto judeu ás normas gregas, renovando as paisagens interiores da cidade famosa. A joia maravilhosa era, porém, o templo, todo novo, da época de Jesus. Sua reconstrução fôra determinada por Herodes, no ano de 21, notando-se que os pórticos levaram oito anos a edificar-se e considerando-se, ainda, que os detalhes da obra grandiosa, continuados vagarosamente no curso do tempo, somente ficaram concluidos pouco antes da época de sua completa destruição.

Nos páteos imensos, reunia-se, diariamente, a aristocracia do pensamento israelita, localizando-se ali o fórum, a universidade, o tribunal e o templo supremos de toda uma raça.

Os proprios processos civis, além das discussões engenhosas de ordem teológica, ali recebiam as decisões deradeiras, resumindo-se no templo imponente e grandioso todas as ambições e atividades de uma patria.

Os romanos, respeitando a filosofia religiosa dos povos estranhos, não participavam das tése sutís e dos sofismos debatidos e examinados todos os dias, mas a Torre Antonia, onde se aquartelavam as forças armadas do Imperio, dominava todo o recinto, facilitando a fiscalização constante de todos os movimentos dos sacerdotes e das massas populares.

Publio Lentulus, apôs o incidente do prisioneiro, que continuava a considerar como episódio sem importância, retomava uma certa serenidade para o desempenho de suas obrigações consuetudinarias. Os aspectos áridos de Jerusalém tinham, para seus olhos cansados, um encanto novo, no qual o pensamento repousava das numerosas e intensas fadigas de Roma.

Quanto á Livia, guardava o coração voltado para os seus afétos distantes, analisando a aridez dos espíritos